

I

Desde a Grécia Antiga que os discursos ou *metanarrativas totalizantes* sempre procuraram ordenar o mundo, a natureza e o Homem. Agora, em plena época pós-moderna, urbana e metropolitana, os sinais são de desordem, caos, inquietação, drama de ‘já não existir história’, excepto no que concerne aos supervalores do ‘deus mercado’ – lucro e poder. O dinheiro ascende a uma categoria do pensamento urbano, quantitativo e eminentemente conquistador.

Num contexto marcado pela decadência do espírito, poder-se-á verificar que Oswald Spengler se assume como pessimista visceral. É que a estrutura civilizacional, pragmática e materialista da era técnica (ou *hiper-técnica*), impede qualquer veleidade futura. Tudo o que resta ao Homem, o ‘animal de rapina’ é um imenso e *deserto vazio* (Cf. *Baudrillard*) – há e haverá apenas lutas e vontades de poder que triunfam ou sucumbem, indiferentemente do universo, o qual continuará olímpicamente a sua marcha. A técnica apenas garante o controle pragmático da sociedade ocidental, nunca lhe dá a finalidade e sentido último da vida. Por isso, nada mais há a esperar, já que como remata Spengler no final de ‘*O Homem e a Técnica*’, o optimismo é cobardia.

Do mesmo modo e em ‘*A Decadência do Ocidente*’ se manifesta igual desiderato, quando, em palavras fortes e vigorosas Spengler parece manifestar a preocupação pela promiscuidade dos interesses económicos e políticos.

Efectivamente, a problemática da *crise do Homem Contemporâneo* já se prefigura nas obras de Oswald Spengler. Há como que uma antevisão intuitiva do espírito dominante da época, espírito esse que é ‘res extensa’, em contraponto com o ‘*cogito*’, cuja substancialidade conformaria o indivíduo ao acto de criar e produzir. A partir do momento em que pela vontade de poder é criada a técnica, ela impõe o seu próprio domínio mesmo se transfigurada numa libertação da miséria ou da escravatura assalariada. Fica-se em presença de uma segunda natureza que se transforma em poder, e vai neutralizando o espírito, entendido como Razão.

Dessa neutralização do espírito do Homem, este acaba por ser vítima de um *apagamento* e de um *desencantamento* consigo mesmo, se bem que aparentemente se instale uma nova forma de religião (o consumo, dir-se-ia) uma igualdade nos ócios, conforto e deleite artístico, o nosso bem conhecido ‘*panem et circensis*’ romano. A meu ver, e através da captação dos factores históricos operantes e da constatação de uma uniformidade de estrutura vital, o ‘tacto fisionómico’ spengleriano constitui-se como a primeira e mais válida

tentativa de sistematização da *Decadência*, irreversível da cultura fáustica, abrindo caminho, assim, á fundamentação filosófica do pós-modernismo pleno de um ‘optimismo vulgar’ modelado pela crença de um progresso infinito, mas grandemente infestado de uma presença de *tédio vital* que é sinal do abismo.

A morfologia da história universal é uma simbólica universal, realidade esta que permitirá a Spengler descobrir grupos com idênticas afinidades morfológicas. Não, como já se viu, a morfologia sistemática que trata a matéria e os seus nexos causais, mas a ‘fisionómica’ que trata das formas orgânicas – a vida e a história. Também é de salientar a dimensão projectiva das ideias de Arnold Toynbee, nomeadamente em *Um Estudo de História*, na categorização e problematização daquilo que esteve na base da reflexão de Spengler, e de uma corrente diria neo-positivista, por se aterem aos dados historicamente comprováveis visando detectar as leis basilares da história, este historiador inglês reexamina a questão da civilização ocidental em moldes relativamente menos fechados que Spengler, valorizando a ideia de que, no seu âmago, as civilizações são confrontadas com uma espécie de *‘dialéctica tese-antítese-síntese’* (chamada por si *lei do desafio e da réplica*) a qual se torna o verdadeiro *leitmotiv* da história. Preferindo estão, o conceito de Civilização, ao de Cultura, seu equivalente no pensador germânico, Toynbee reconhece o primado da universalidade do mundo histórico, ou seja, uma grande civilização que em cada tempo histórico ousa transformar-se em ‘estado universal’. Segundo a sua ideia, existiria em cada civilização uma minoria criadora que responderia a reptos sucessivos levando a desenvolver-se, mas em cuja orgânica estaria presente um momento de desintegração. Nessa desintegração estaria a semente de um novo começo, o que conferiria à cultura pós-moderna, uma característica de ruptura com o seu momento anterior – a cultura moderna.

Daquilo que atrás fica registado, pode-se dizer que a tradição fáustica, personificada em Oswald Spengler se esforçou em radicalizar e desmascarar os falsos argumentos prometeicos, os quais associavam o domínio técnico da natureza a fins de libertação e emancipação da espécie humana. Mais do que apontar um rumo novo a uma civilização técnica que renunciava a ‘pós-história’, e que advogava o seu próprio fim enquanto utopia (cf. Fukuyama), isto é, pela exaustão, completude e consumação da noção de História que Spengler, com a sua *visão fáustica e angustiada* de um mundo premonitoriamente *pós-moderno*, vem concretizar esse ‘esgotamento’ das concepções positivistas até então vigentes, as quais idealizavam o crescimento económico ilimitado, a inovação técnica infinita e o impulso capitalista para a acumulação obsessiva de capital.

Oswald Spengler formula, assim, a primeira grande visão daquilo que virá a ser o mundo pós-moderno globalizado, mundo este por si pintado a cores bem cinzentas, modelado por um pessimismo visceral e um decadentismo e uma ‘ruína’ fáceis de entender, à luz do ingrediente básico – a *vontade de poder!* Considero que esta sua moral da renúncia tem expressão fiel naquilo que a palavra alemã ‘*Gelassenheit*’ significa: ‘Serenidade’.

A ‘Serenidade’, para o pensador alemão traduz essa atitude de espírito simultaneamente de abandono e indiferença, pois estamos no âmago do mundo técnico mas ao mesmo tempo postos ao abrigo da sua ameaça. Esta serenidade ‘spengleriana’ sendo uma atitude a respeito das coisas, uma atitude de espera, implica uma renúncia ao fazer e ao querer, isto é, a qualquer ‘activismo’, mas nunca uma atitude ascética. Ao contrário do que se possa pensar, ‘*A Decadência do Ocidente*’ não é um simples lamento ou lágrima das formas pretéritas, mas sim uma metodologia inovadora á contemporaneidade. A perda de referencial, ou de sentido orientador e normativo para a Vida e outras transformações que caracterizam a pós-modernidade, acabam por estar subjacentes a toda a problemática desenvolvida nesta tese. O autor paulista considera uma ‘mania’, diríamos hoje, uma obsessão, pelo cultivo quase mecânico e extravagante de uma dimensão puramente material e exteriorizada (corporal), imagem essa que pretendemos amplificar para o domínio do Outro numa relação de quase-poder, de um modo absolutamente servil e individualista.

Banalidade quotidiana, actividade do corpo e consumo permanente, eis o retrato orteguiano, também nitidamente ‘pessimista’ e desencantado.

II

O estímulo da personalização através da comunicação e do consumo faz-se agora tendencialmente pela via do *hedonismo* e do *jogo*, encarados como formas de ‘ocupação’ na diversão, na evasão e na irrealidade, pela perda da ‘*civitas*’ e na indiferença pelo bem comum. Enquanto jogamos, não fazemos nada!

É interessante que no seu pequeno escrito ‘*A Ideia do Teatro*’, Ortega chama-nos a atenção para essa quase-necessidade da ‘*farsa*’, pela nossa necessidade de construirmos uma quase-irrealidade (um ‘*ultramundo*’) que é apanágio do ‘*ludus*’ como jogo evasivo. Significaria uma técnica de diversão e que, em última análise e bem à maneira do ‘*divertissement*’ pascaliano, mais não visaria que suspender virtualmente a sua própria escravidão existencial dentro da realidade evadindo-se para uma outra vida irreal, imaginária, fantasmagórica.

Neste sentido é que se deve compreender a ideia orteguiana apresentada em *'Meditacion de la Tecnica'* segundo a qual o jogo, enquanto programa vital extranatural não passa de um luxo vital ou uma 'zona de *otium*', por oposição à do '*nec-otium*' com a carga negativa que a perspectiva orteguiana lhe confere. A distração seria assim uma dimensão paralela de 'ultravitalismo', consubstancial à vida real, tornando-se uma das grandes dimensões da cultura contemporânea.

Socorrendo-nos de autores bem conhecidos do panorama filosófico-sociológico europeu, como Adorno, Baudrillard, Jurgen Habermas e Gilles Lipovetsky, diria que Ortega y Gasset conseguiu de um modo certo e firme, antever as vicissitudes culturais das lógicas sedutivas e emancipatórias de um '*individualismo efémero*' e fugaz, vazio e primitivista, de uma política monocromática sem profundidade ideológica. Isto significa uma *desafeição* aos grandes sistemas de sentido ou *metanarrativas*, típicos de um *niilismo globalizante* puramente imagético. A moda, curiosamente não tem sido objecto de um tratamento suficientemente profundo, todavia ela encerra na sua inutilidade aparente, uma complexidade e dinâmica que devem ser objecto de reflexão e abordagem conceptual. Longe de ser um luxo da vida colectiva, tornou-se um processo estruturante do humano que encerra contornos filosófico-sociológicos globais, através da *produção, consumo e publicidade*. Actualmente, tudo parece girar em torno das grandes ideias de sedução, efemeridade e diferenciação marginal, ou o denominado '*destino geral da efemeridade*', no dizer de Oswald Spengler. Isto acaba por ter reflexos ao nível do modo como nos encaramos aos outros e a nós mesmos e também à política que construímos.

Tudo isto comporta riscos, como é evidente. Os riscos de hoje em dia afectam todos os países, povos e classes sociais, pois como dizia Ortega, já não existem 'ilhas de humanidade'. As consequências serão sempre globais e já nunca e tão só, pessoais. Frente a isso, só existe a gestão do risco, a qual obriga o homem a ajustar-se e a responder constantemente às 'circunstâncias' com vista a vencer e a superar as suas incertezas.

Ortega y Gasset é, pois, obreiro dos tempos em que vivemos, ou seja, da *mundialização da contemporaneidade (global) ou pós-Modernismo*, omnipresente nos mais singelos e ínfimos actos do quotidiano. Nada mais nada menos, afinal, que aquilo que Oswald Spengler afirmava, quando se referia ao '*sentimento universal faustico*' como expressão final de um ciclo orgânico que se fechava esgotando as possibilidades de expressão criação da cultura presente!

Na extensão desta ideia, e segundo Theodor Adorno e Jean Baudrillard, as palavras encaradas como *signos* são destituídas de qualidade, hoje já não significam nada. A sua repetição cega liga a publicidade á palavra de ordem totalitária, constituindo *simulacros* de coacção que se revelam na própria liberdade de escolher. Totalitário, o esclarecimento tornou-se *mitologizado*, pois comporta-se com as coisas tal como um ditador com os seres: conhece-os na medida em que os pode manipular. A ética transmuda-se em estética política, clone alienado, estetizando-a.

A actual civilização técnica surgida do espírito do Iluminismo e do seu conceito de '*razão instrumental*', representa o domínio racional sobre a natureza e um domínio irracional sobre o próprio homem: fascismo e nazismo seriam mostras e manifestações concludentes dessa atitude autoritária de domínio sobre o Outro. A racionalidade da técnica identifica-se, pois, em última análise, com a racionalidade sob forma de 'barbárie', como o atesta a evidência da presença dos '*media*' como agentes de negócios da '*indústria cultural*', determinando à medida dos seus interesses, as regras do próprio consumo de massas, mecanizando-as até mesmo nos seus momentos de ócio.

Em Habermas, os critérios da acção instrumental sofrem de uma cada vez mais profunda racionalização do real, através da sofisticação e tecnificação dos sistemas de comunicação. Deste modo, a acção centrada na técnica serviria como exercício de controlos e legitimação de formas de domínio opressivo, podendo ser considerada uma '*ideologia do rendimento*' (ideologia tecnocrática), controlada pelo êxito, produtividade e operatividade do trabalho social.